



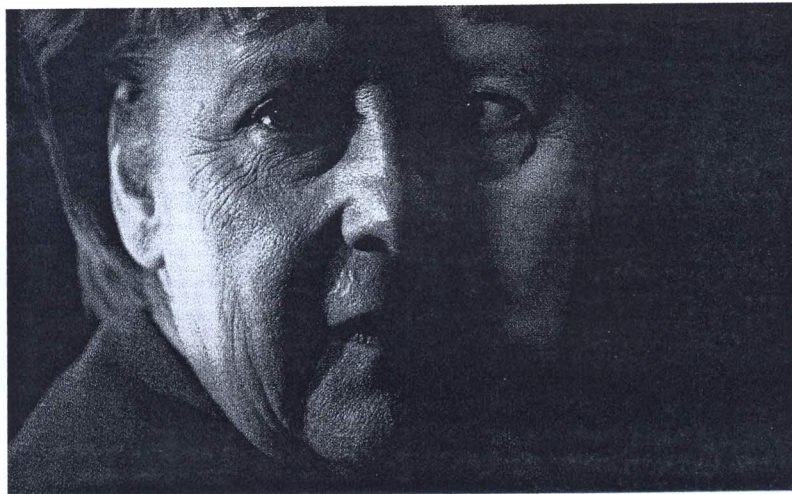
## Douglas e Angela: um parentesco improvável

**O** QUE É que pode existir de comum entre o general Douglas Haig, comandante das forças britânicas durante a I Guerra Mundial, e a chanceler alemã Angela Merkel? Ambos parecem pautar a sua conduta por uma obediência cega às suas crenças fundamentais, desprezando, insensatamente, os sinais da realidade, por mais alarmantes que sejam.

**O AUGA DA INSENSIBILIDADE** de Douglas Haig foi atingido no início da batalha do Somme, a 1 de Julho de 1916. Nesse dia trágico, as tropas britânicas seguiram o rígido plano de batalha de Haig. Dezenas de milhares de homens lançaram-se na «terra de ninguém», oferecendo o seu corpo desprotegido ao fogo cerrado da artilharia, das metralhadoras pesadas e das armas ligeiras da infantaria alemã, protegida por sólidas trincheiras que haviam sobrevivido a sete dias de intensos bombardeamentos. Ao fim de três horas, os britânicos recuaram, com perdas que ultrapassaram os 60 mil homens. Como, na altura, os batalhões eram organizados numa base territorial, aldeias e bairros inteiros, da Grã-Bretanha e do Império, perderam quase toda a sua juventude masculina, deixando duradouras cicatrizes demográficas.

**HAIG TRAVAVA AS BATALHAS** de acordo com os manuais em que tinha aprendido. Os soldados eram obrigados a marchar em campo aberto, como nos tempos de Napoleão, apesar do poder letal das armas ter aumentado, em 1914, por um factor de 100. Os mortos do Somme foram mais vítimas de um erro conceptual, de uma incapacidade epistémica dos seus chefes, do que das balas do inimigo.

**Se a Alemanha quisesse destruir a União Europeia e suicidar-se como grande país, não poderia escolher melhor caminho**



**ALGO SEMELHANTE** está a acontecer no modo como a doutrina Merkel lida com a crise das dívidas soberanas. Na verdade, o Governo alemão, prisioneiro de uma leitura epistemologicamente incorreta dos acontecimentos, está mergulhado numa barragem de escolhas e medidas que vão acabar por destruir a Zona Euro, se, brevemente, não houver uma mudança de rumo de 180 graus.

**UM PROBLEMA MENOR**, a dívida pública grega, foi transformada numa avalanche, que arrastou a Irlanda, Portugal e, agora, se voltou contra a Itália, a Espanha, a Bélgica, a Áustria e a própria Alemanha. Fundando-se na tese – totalmente oposta à verdadeira complexidade dos diferentes casos nacionais – de que a causa da crise era de raiz moral (o comportamento gastador dos governos), Merkel decretou a austeridade como panaceia universal. Com o pretexto de recuperar a confiança dos mercados, Berlim impôs soluções que denotam uma combinação de teimosia e falta de inteligência. O «perdão voluntário» de metade da dívida pública grega – que consiste numa violência sobre a expectativa do cumprimento dos contratos, incluindo até os mecanismos de minimização de perdas conhecidos como CDS – lançou a desconfiança de todos os credores privados em relação a toda a

dívida pública europeia, já que uma má experiência tende a repetir-se. Temendo a rutura do sistema financeiro europeu, o Governo alemão obrigou os bancos a uma rápida recapitalização, em regime de cada país por si, levando, por isso, a duas consequências catastróficas: a) o aumento da dívida pública, se os Estados tiverem que «salvar» outra vez os seus bancos; b) o corte brutal do crédito à economia real, pois os bancos encontram na redução das suas atividades o caminho mais rápido para respeitarem as novas exigências de desalavancagem. Acresce que a iniciativa de introduzir uma taxa Tobin, contra a vontade britânica e a hostilidade americana, numa altura em que a Europa precisa vitalmente de crédito, roça a imbecilidade.

**SE A ALEMANHA QUISESSE** destruir a União Europeia e suicidar-se como grande país, não poderia escolher melhor caminho. Os mercados, nas mãos dos quais a máquina infernal da UEM, entregou o crédito dos países – pois recusa, por imperativo alemão, fazer do BCE um «emprestador de última instância» – estão agora a desertar da Europa a toda a velocidade. Se e quando a grande implosão da Zona Euro, ocorrer, todos os povos europeus ficarão como os soldados de Douglas Haig: alvos indefesos, a abater, numa linha de tiro sem obstáculos. ▣